



SUBSÍDIOS

O percurso editorial das “Preleções introdutórias à Ciência da Religião” (1870-1899), do professor F. Max Müller

The editorial journey of the “Introductory lectures to the Science of Religion” (1870-1899), by Professor F. Max Müller

*Nestor Figueiredo**

Resumo: O artigo volta ao documento fundante da Ciência da Religião, o texto de Max Müller *Lectures on the Science of Religion* (1870). Contudo, não se trata de uma análise textual, mas de uma investigação de sua paratextualidade em perspectiva longitudinal, em que reconstituímos o percurso editorial dessa obra com base em suas edições conhecidas, com informações que nos ajudem a (re)pensar a disciplina de forma mais precisa em seu contexto formativo, no século XIX, e as implicações para a pesquisa nessa área. Operacionalmente, definimos o escopo do conjunto editorial com o qual trabalhamos, descrevendo minuciosamente o seu paratexto. Na última seção, apresentamos as traduções da obra no estrangeiro, concluindo com alguns aspectos relevantes para a metateoria da disciplina.

Palavras-chave: Max Müller. Ciência da Religião. Paratexto. Edições. Preleções.

Abstract: The article goes back to the founding document of the “Science of Religion,” Max Müller’s text, *Lectures on the Science of Religion* (1870). However, it is not a textual analysis, but an investigation of its paratextuality in a longitudinal perspective, where we reconstruct the editorial journey of this work based on its known editions, with information that helps us to (re)think the discipline more precisely in its formative context, in the 19th century, and the implications for research in this area. Operationally, we define the scope of the editorial set with which we work, describing its paratext in detail. In the last section, we present the work abroad translations, concluding some aspects relevant to the discipline’s meta-theory.

Keywords: Max Müller. Scientific Study of Religion. Paratext. Editions. Lectures.

Introdução

Pensar uma abordagem sobre religião que se desprendesse do *Zeitgeist* teológico do período vitoriano, a partir do qual nasceria, empunhando a arma do próprio “inimigo”, a ciência, para estudar um objeto até então “exclusivo” de um sistema religioso, na Europa do século XIX, além de um grande desafio por si só, uma tal perspectiva evidenciava como pressuposto pelo menos três ideias: 1) uma declaração de independência (disciplinar); 2) uma necessidade/insatisfação (epistemológica); e 3) uma superação

* Programa de Ciências das Religiões (UFPB, João Pessoa-PB). ORCID: 0000-0001-7180-299X - contato: mgs3000@hotmail.com

(metodológica). Como no século seguinte defenderia Thomas Kuhn (1962) ao discutir ciência, analogamente, estava em curso a luta por uma mudança de paradigma relativa aos estudos de religião, que, no caso, reivindicava uma investigação (supostamente) científica ou, pelo menos, fora de uma fronteira confessional mais explícita.

De um lado, a conhecida frase do desafiante: “Quem conhece uma [religião], não conhece nenhuma”, declarava Friedrich Max Müller em 19 de fevereiro de 1870, no Real Instituto (Londres), na primeira de suas quatro preleções¹, acrescentando que “existem milhares de pessoas cuja fé é tal que poderia mover montanhas, e que, ainda assim, se lhes perguntassem *o que religião realmente é*, permaneceriam caladas ou fariam mais em marcas exteriores do que na natureza interior ou na *faculdade* de fé” (Müller, 1870a, p. 448, grifo nosso, tradução nossa). Do outro lado, tempos depois, a desafiada religião hegemônica contra-atacava da Alemanha, país natal de Max Müller, através do seu principal historiador, Adolf Harnack: “Quem quer que não conheça essa religião [cristianismo], não conhece religião alguma” e “quem quer que a conheça e sua história, conhece tudo”².

Em 2020, a “ciência da religião” pensada e promovida de forma sistemática pelo professor F. Max Müller, M. A. (*Magister Artium*), completa 150 anos. E, embora alguns direcionamentos tenham sido apontados nesta publicação de 1870, essa discussão já vinha sendo gestada em outras publicações do autor (*Chips from a German workshop*, v. I e II, 1867). Até onde se sabe, Max Müller usa o termo “*Science of Religion*” pela primeira vez em abril de 1860, na *Times* de Londres, no artigo (*review*) “*Semitic monotheism*” (Müller, 1902a, p. 234), republicado em *Chips from a German workshop*, v. I, 1867, p. 377 (Klimkeit, 1997, pp. 29-41; van den Bosch, 2002, p. 294).

Nesse sentido, ao lado de Cornelis Petrus Tiele (1877; 1897; 1899) e Pierre Daniel Chantepie de la Saussaye (1891 [1887]), Max Müller é considerado um dos pais fundadores da então nova [e nebulosa] ciência (Jordan, 1905; Waardenburg, 1973; Sharpe, 1985 [1975]; Wiebe, 1981; Tronpf, 1978; Kitagawa; Strong, 1985), com as primeiras cátedras, ainda que conservando um acentuado sabor teológico, sendo fundadas naquela mesma década, inicialmente, na Universidade de Genebra, na Suíça, em 1873; depois, simultaneamente, nas Universidades de Utrecht, Groningen, Leiden e Amsterdã, na Holanda, em 1876, fechando o decênio, na França, no Collège de France, Paris, em 1879.

Até 1924, outras universidades em diversos países europeus adotariam a disciplina, embora em alguns casos, com nomenclaturas diversas: Bélgica (1884); Itália (inicialmente, 1886; depois, 1924); Suécia (1893); Inglaterra (1904); Alemanha (1910), Dinamarca (1914) e Noruega (1925) (Kitagawa; Strong, 1985, pp. 204-205; Hock, 2010, p. 218;

1 Adotamos *preleções* para traduzir o termo inglês “*lectures*”, cuja origem é igualmente latina e significa literalmente “leitura” ou “lições”. Preleções são lições dadas diante de um auditório (diferentemente de uma simples leitura) ou, ainda, “uma explicação por meio de uma leitura prévia” (Nascentes, 1955, p. 414). Esta acepção é, inclusive, corroborada pelo registro em língua portuguesa em 1873 (preleção), em 1881 (prelecionar, professor) e em 1899 (preletor) (Cunha, 2012, p. 518)

2 A frase de Harnack, “Wer diese Religion nicht kennt, kennt keine, und wer sie sammt ihrer Geschichte kennt, kennt alle” (Harnack, 1901, p. 11), foi dita em seu discurso sobre *Die Aufgabe der theologischen Fakultäten und die allgemeine Religionsgeschichte*.

Usarski, 2006, p. 25). No Brasil, os ventos dessa institucionalização soprariam um século mais tarde, no início dos anos 1970, com a criação do curso de Ciências das Religiões (tudo no plural), na Universidade Federal de Juiz de Fora (Teixeira, 2011, pp. 537-540).

A ideia do presente artigo é voltar a esse marco histórico da disciplina a partir de uma das publicações mais antigas nesse sentido, considerado como um “documento de fundação” da Ciência da Religião (Sharpe, 1986, p. 35), onde se propõe a investigação do objeto religião em bases comparativas, indicando já, aí, o princípio metodológico que a então incipiente e contestada ciência deveria seguir. Contudo, não se trata de uma análise textual, e sim uma investigação de sua paratextualidade, isto é, a partir de elementos externos ao texto propriamente dito, mas que, em conjunto, interagem com ele para fornecer dados que melhor fundamentem o trabalho crítico posterior. Portanto, fazemos um resgate histórico em que descrevemos e analisamos esse conjunto de dados. O artigo reconstitui o percurso editorial dessa obra com base em suas edições conhecidas, cuja primeira publicação ocorrera já naquele ano de 1870, com informações que nos ajudam a (re)pensar a Ciência da Religião de forma mais precisa em seu contexto formativo, no século XIX, e as implicações para o estado atual da disciplina.

Assim, na perspectiva da paratextualidade (Genette, 2009) e de edições (Cambaia, 2005; Spaggiari; Perugi, 2004; Leodegário, 2004, Spina, 1977), abordamos questões relacionadas às preleções de Max Müller durante um período de quase três décadas deste percurso editorial. De início, definimos o escopo do conjunto editorial com o qual trabalhamos aqui, discutindo as diferentes nomenclaturas utilizadas para essa obra. Em seguida, descrevemos o paratexto das primeiras edições, partindo de sua *editio princeps* (1ª ed.), publicada numa série de quatro números do periódico londrino Fraser's Magazine. Depois, consideramos a 2ª ed. (agora em livro), particular, limitada em 16 cópias, surgida no mesmo ano, em Londres. Finalmente, abordamos uma edição em língua inglesa, impressa em Nova Iorque (1872), que expande a obra, acrescentando mais dois trabalhos de Max Müller.

Na seção seguinte, focamos na edição revista, atualizada e ampliada pelo autor (Müller, 1873), onde se observa algumas alterações importantes que seriam posteriormente assimiladas e, uma vez mais, enriquecidas por edições e reimpressões subsequentes em língua inglesa até o ano de 1899, data da última edição conhecida da obra, com o autor ainda em vida. A última seção é dedicada às edições estrangeiras, que se fizeram ainda naquela mesma década de 1870, com informações e detalhes importantes que nos ajudam a entender o alcance dessas preleções no contexto europeu da época, além de fornecer dados relevantes sobre as escolhas e fontes em que se basearam os tradutores. Dados que evidenciam o alcance e receptividade em torno da ideia de uma Ciência da Religião naquele período, a exemplo da edição francesa e italiana.

Neste ponto, devemos salientar que as obras de Max Müller para este artigo foram consultadas com base em suas versões digitais (www.archive.org). Nesse sentido, precisamos ter em mente que alguns detalhes podem escapar num trabalho realizado exclusivamente nessa condição. Somente o acesso direto pode garantir maior precisão para eventuais ocorrências desse tipo. Uma segunda observação diz respeito a duas traduções das preleções para a língua portuguesa, surgidas recentemente no meio acadêmico

nacional³. Embora relevantes, são trabalhos que fogem ao período de investigação deste artigo (1870-1899), mesmo para uma tradução, devendo ser objeto de uma resenha crítica, primeiramente, noutro momento.

Nas considerações finais, retomamos os aspectos centrais do conjunto paratextual dessa obra que se configura como um marco para a Ciência da Religião. Ou seja, em que medida seu paratexto poderia nos ajudar a compreender melhor a ideia desta disciplina a partir destas preleções, inclusive para uma possível releitura, em especial, para além do que já está posto e revisado. Além disso, por se tratar de um trabalho de resgate sob uma nova perspectiva, e até onde sabemos, original em nossa área, destacamos este tipo abordagem como uma contribuição válida e necessária para o estudo em Ciência da Religião.

O mundo “invisível” do paratexto: edições e nomenclaturas da obra

O crítico e teórico literário francês Gérard Genette (1930-2018), em seu livro *Paratextos editoriais* (2009 [1987]), desenvolve um estudo das relações transtextuais, definindo a paratextualidade ou transcendência textual como “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p. 9). Noutros termos: uma estreita ligação entre o texto e a estrutura que o circunda, contribuindo conjuntamente para sua forma e sentido, com a palavra “paratexto” e seu prefixo grego *para-* (algo que se coloca ao lado de), expressando a ideia de organizações textuais entrelaçadas, em relação direta, não de dependência, mas de reciprocidade.

Em outra obra, *Palimpsestos*, o autor aponta essa relação como algo menos explícito e mais distante da percepção do leitor, que nem sempre dispõe de instrumentos úteis para compreender essas interações entre os dois conjuntos textuais, cujos elementos paratextuais mais visíveis são: “título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; *release*, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos” (Genette, 2010 [1982], p. 15). Dentre estes, o título aparece como instância de maior expressividade, ao lado do prefácio que também oferece informações norteadoras e esclarecedoras da obra, além das notas explicativas e bibliográficas.

Outra noção teórica importante que devemos considerar é a divisão feita da categoria *paratexto*. Assim, temos as modalidades de *peritexto* e *epitexto*. O primeiro é interior e mantém uma relação de continuidade direta com o texto, circundando-o dentro do próprio espaço da obra, a exemplo do nome do autor, títulos, indicações de coleção, capa, ilustração, etc. Por outro lado, o *epitexto* está situado externamente, no entorno do texto, numa distância que configura uma descontinuidade em relação à obra. Os elementos epitextuais dividem-se em duas formas: os públicos, que tomam

3 A primeira, um trabalho de Pedro Rodrigues Camelo (UERN), publicado na revista REVER (v. 20, n. 1, 2020), traduz a preleção inicial de Max Müller, enquanto que uma tradução completa da obra é oferecida por pesquisadores da PUC-MG, com publicação da Editora Senso (Müller, 2020).

forma nos suportes midiáticos, como as entrevistas do autor, debates, resenhas, etc., e os privados, como correspondências e diários que, com o tempo, podem passar a integrar a obra (Genette, 2009, pp. 10-11).

Para este artigo, nosso peritexto inclui: falsa folha de rosto (símbolos, imagens, brasões, etc.) e folha de rosto. Desta, quando houver: título; subtítulo; local e data de realização das preleções; indicação de trabalhos adicionados às preleções; nome do autor; títulos acadêmicos associados ao autor; epígrafe, local, editora e ano de publicação. Outros, quando houver: dedicatória, prefácio, índice geral (títulos); título de abertura do capítulo e das cabeças de páginas (pares e ímpares), notas de rodapé e de fim, gráficos, número de páginas da obra, apêndice, índice remissivo, catálogo de obras (enxertados no final da edição); colofão. Nosso epitexto inclui: resenha (público) e correspondência (privado).

O paratexto, em função do número de edições e mudança de título, dentre outros aspectos da obra aqui em foco, segue alguns princípios estabelecidos pela ecdótica, disciplina que trata da edição de um texto, sendo mais abrangente do que a crítica textual, uma vez que considera todos os aspectos de uma edição (nosso interesse), a exemplo dos títulos, e mesmo aqueles não linguísticos, tais como a disposição da mancha (parte impressa da página por oposição às margens), dentre outros elementos (Houaiss, 2004, p. 9). Assim, alguns aspectos dessa questão devem ser observados.

A diferença entre ecdótica e crítica textual como trabalho filológico reside no interesse desta última apenas no estabelecimento do texto crítico de uma obra (na maior parte, literária), e não para “a totalidade dos problemas que envolve a técnica e a arte editorial”, havendo entre ambas uma relação de inclusão, em cujo núcleo está a segunda delas (Azevedo Filho, 2004, p. 19). Portanto, nossa perspectiva aqui vem da ecdótica nesse sentido mais amplo, ou seja, voltado aos procedimentos técnicos para publicação. Como nos lembra Segismundo Spina, embora os textos literários constituam o objeto primordial da ciência ecdótica, nada impede a aplicação também de suas normas gerais à publicação de outros documentos (Spina, 1977, p. 59).

A primeira edição impressa de uma obra chama-se *editio princeps*, ou simplesmente *princeps*, “com a expressão latina que significa ‘primeira edição em absoluto’” (Spaggiari; Perugi, 2004, p. 23). Isto é, um texto que até então existia apenas em manuscritos, como é o caso da 1ª ed. das preleções de Max Müller, publicada na revista londrina Fraser’s Magazine. Já a edição limitada é aquela que foi feita em número menor que o habitual, “em casos especiais, costuma ainda ser numerada por exemplar e assinada pelo autor” (Cabraia, 2005, p. 88;), como é o caso da 2ª ed. das preleções (edição particular). Ambas as ocorrências publicadas já em 1870.

Entretanto, poucos são os autores que, ao lidar com essa obra, consideram tal especificidade. Por exemplo, Lourens Peter van den Bosch (2002, p. xii) assume como primeira edição a publicação de 1873, enquanto Tomoko Masuzawa (2003, p. 315) lembra que esta edição foi uma versão revisada e ampliada das preleções, originalmente publicadas na Fraser’s Magazine, além de traduzidas no estrangeiro. Arie L. Molendijk, ao se referir à versão de 1873, declara ser esta uma “edição revisada das preleções que foram *publicadas pela primeira vez* na Fraser’s Magazine” (2016, p. 197, grifo nosso, tradução nossa).

Contudo, de acordo com ecdótica, que engloba o estabelecimento de textos e a sua apresentação, isto é, sua edição, essa publicação de 1873, embora corrigida, ampliada e atualizada pelo próprio Max Müller, não seria a primeira. Nem mesmo poderia ser considerada a 1ª ed. da Longmans, Green, and Co. (doravante, Longmans), tendo em vista que esta mesma empresa foi quem também publicou a edição da *Fraser's Magazine*, que é, de fato, a 1ª ed. das preleções de Max Müller. Portanto, as duas primeiras edições em língua inglesa, *stricto sensu*, são a do periódico inglês *Fraser's Magazine* e a edição limitada.

Para as edições posteriores em língua inglesa, já não podemos certificar com a mesma assertividade, embora a análise comparativa do conjunto paratextual dessa obra forneça importantes dados nesse sentido, os quais serão considerados no decorrer deste artigo. Isto porque algumas das obras de Max Müller, de um modo geral, entre as quais a que estamos considerando aqui, foram publicadas em língua inglesa sem autorização, especialmente em países como os Estados Unidos e Índia, como nos diz Molendijk: “existem muitas, não apenas edições piratas, mas também reedições, expandidas ou não, inglesa ou norte-americana, e até edições indianas” (Molendijk, 2016, p. 29, tradução nossa)⁴.

Ainda para esse autor, de uma forma ampla em relação aos trabalhos de Max Müller, seria necessário um esforço coletivo de pesquisadores de diferentes continentes para compilar os trabalhos do autor alemão no sentido de prover informações confiáveis à sua bibliografia (Molendijk, 2016, p. 31, tradução nossa). Em função dessa popularidade dos textos de Max Müller no século XIX, apesar de difícil, não descartamos de todo a possibilidade de nos depararmos com uma edição dessas, publicada ainda na década de 1870, depois do surgimento das duas primeiras edições.

Por exemplo, embora já na década seguinte, localizamos a informação incompleta sobre uma publicação datada de 1887, com o título *Lectures on the Science of Religion*, pela editora Charles Scribner's Sons, em Nova Iorque, que reputamos como mais uma reimpressão da edição de 1872, a partir dos seguintes indícios em ambos os casos: mesmo local de produção e mesmo grupo editorial; mesmos títulos, mesmos trabalhos adicionados (Buddhist nihilism/ Dhammapada or “Path of virtue”). Além disso, ambas possuem exatamente o mesmo número de páginas. Registre-se ainda que a edição de 1872 possui uma reimpressão neste mesmo ano e outra de 1874 (ver detalhes mais adiante).

Entretanto, mesmo diante do iminente risco, consideramos a publicação de 1872 como a 3ª ed. em língua inglesa, assim como a de 1873 sendo a 4ª ed. A partir desse ponto, isto é, depois dos três anos que se seguiram à 1ª ed., somente um trabalho mais amplo como aquele sugerido por Molendijk poderá determinar com precisão se as edições posteriores são, de fato, as que convencionaremos chamar aqui de 5ª ed. (1882), 6ª ed. (1893) e 7ª ed. (1899), todas com o autor ainda em vida. Assim, para efeito deste estudo, vamos considerar um conjunto de pelo menos sete edições das preleções

⁴ As primeiras leis sobre direitos autorais no mundo surgiram durante o século XVIII, com sua internacionalização ocorrendo apenas no final do século XIX, através da Convenção de Berna (1886), cuja consolidação aconteceria a partir da virada do século XX (Woodmansee, 2016, pp. 61-71).

introdutórias à Ciência da Religião, de Max Müller, publicadas respectivamente em língua inglesa. Em ordem cronológica, temos: 1ª ed., 1870; 2ª ed. 1870; 3ª ed., 1872; 4ª ed., 1873; 5ª ed., 1882; 6ª ed., 1893; e 7ª ed., 1899.

Outra importante consideração que devemos fazer sobre essas preleções está relacionada ao seu título, que apareceu em 1870 com duas nomenclaturas: *Lectures on the Science of Religion*, em sua *editio princeps*, na Fraser's Magazine (doravante, FM), em quatro números consecutivos deste periódico londrino (abril a julho), e *Introduction to the Science of Religion*, numa edição particular, limitada em 16 cópias (doravante, EDL). Curiosamente, essa 2ª ed. apresenta na falsa folha de rosto o título *The Science of Religion* e, na folha de rosto, *Introduction to the Science of Religion*. Todas as demais edições e reimpressões inglesas aqui referidas usam este último título da folha de rosto (1873, 1882, 1893 e 1899).

No entanto, a primeira nomenclatura do periódico Fraser's Magazine retornaria quer pela porta da frente, quer pela porta dos fundos. Primeiramente na 3ª ed. em inglês, publicada nos Estados Unidos em 1872, como já assinalado. Depois disso, apareceu em todas as cabeças de páginas das demais edições/reimpressões inglesas, como veremos a seguir. Tal ocorrência criou uma duplicidade de títulos verificada no paratexto dessa obra desde suas primeiras edições. O próprio Max Müller, em duas correspondências de 1870, refere-se à obra primeiro como “lectures on the ‘Science of Religion’”, em julho, logo após a publicação da última preleção na FM e, em dezembro, refere-se à EDL como “introductory lectures (...) on the Science of Religion” (Müller, 1902a, p. 377, 401).

Além disso, duas edições estrangeiras, ao que parece, optaram por usar apenas a segunda parte de ambos os títulos, que, como vimos, surge pela primeira vez isoladamente na falsa folha de rosto da EDL, isto é, sem os termos “Lectures on the” (FM) ou “Introduction to the” (EDL). Assim, em 1873 (Paris), a edição francesa registra: *La Science de la Religion* e, em 1945, a edição em espanhol, (Buenos Aires) apresenta: *La Ciencia de la Religion*. Ainda na metade daquela década de 1870 do século XIX, outras duas edições estrangeiras faziam suas escolhas para o título. Primeiro, a italiana optou por uma fusão entre as duas ocorrências em inglês: *Quattro letture d'introduzione alla Scienza delle Religioni*, 1874 (Florença), com o último termo no plural, único caso entre aqueles aqui considerados.

Depois, também em 1874, na edição alemã, acrescenta-se o termo “comparativo”, que se evidenciaria posteriormente na área como um de seus pilares: *Einleitung in die Vergleichende Religionswissenschaft*. Título semelhante à tradução sueca da obra, *Inledning till den jämförande religionsvetenskapen*, publicada em Estocolmo, também em 1874⁵. Convém ressaltar que a edição alemã foi supervisionada pelo próprio autor, como informa seu prefácio (p. v), com base na de 1873, revisada, ampliada e atualizada. Mas as diferenças não se restringiam apenas ao título. Como veremos a seguir, atingiram os demais elementos paratextuais dessa obra no decorrer de quase três décadas.

5 Não tivemos acesso a esta tradução sueca, motivo pelo qual está ausente em nossa investigação. A obra foi publicada em 1874 pela editora Seligmann, Estocolmo, a partir da edição alemã, com tradução de Fredrik August Fehr (1849-1895), teólogo e sacerdote sueco.

As edições londrinas (1870) e a edição não autorizada de Nova Iorque (1872)

Entre abril e julho de 1870, um mês após a última preleção no Real Instituto, em Londres, surgia a *editio princeps* publicada pela Longmans, sediada na Paternoster Row, rua que ficou conhecida como o centro do comércio editorial em Londres. Apareceu tipograficamente em coluna dupla, em quatro números consecutivos, no periódico *Frasers' Magazine*, uma revista de cunho geral e literário veiculada em Londres entre os anos de 1830 e 1882, quando foi renomeada para *Longman's Magazine*. A revista havia sido fundada por Hugh Fraser e William Maginn. Editada em 1870 pelo historiador, romancista e biógrafo inglês James Anthony Froude (Houghton, 1972, p. 438ss), e dentro de uma nova série daquele periódico, as três primeiras preleções foram publicadas, sequencialmente, no Volume I, números IV (pp. 444-455), V (pp. 581-593) e VI (pp. 695-717), e a quarta no Volume II, n. VII (pp. 100-112).

O título surge em caixa alta: "LECTURES ON THE SCIENCE OF RELIGION"⁶, com a indicação da autoria logo abaixo: "By Professor Max Müller". Na linha seguinte, em versalete: "FIRST LECTURE", com a indicação do local e data da realização do evento mais abaixo: "Delivered at the Royal Institution, February 19, 1870". Formato alterado apenas pelos números e datas da realização das preleções nas semanas subsequentes: segunda preleção, 26 de fevereiro; terceira, 5 de março e quarta, 12 de março. Não consta notas explicativas relativas à primeira preleção. Para as demais, há uma série de 88 notas entre explicações e referências bibliográficas⁷. Na segunda preleção, existe um gráfico que traça um paralelo evolutivo entre os ramos étnico-linguísticos ariano-semita, com a indicação de seus respectivos cânones religiosos. Nessa *editio princeps*, a informação do número, local e data das preleções não integra o título, que aparece graficamente isolado destes dados.

Nesse mesmo ano de 1870, possivelmente em julho, as preleções foram impressas numa edição particular limitada, com 61 páginas. Embora restrita a 16 cópias, trata-se da 2ª ed. da obra, agora no formato de livro. Tipograficamente, o texto é idêntico ao que aparece na 1ª ed., inclusive com o mesmo estilo de coluna dupla. Nesse sentido, há evidências de que Max Müller usou a composição original da FM para imprimir essa edição limitada, modificando, contudo, alguns elementos do paratexto. Isto fica corroborado, sobretudo, pelo uso da mesma gráfica que consta no colofão da FM: Spottiswoode & Co., localizada na New-Street Square, em Londres.

Além do título, que, com vimos na seção anterior, havia mudado para *Introduction to the Science of Religion*, temos agora logo abaixo, em estilo gótico, o complemento "Four Lectures", seguido das informações de local e data das preleções: DELIVERED AT THE ROYAL INSTITUTION IN FEBRUARY AND MARCH 1870. Observa-se igualmente outras novidades: o prenome do autor em sua forma abreviada, título acadêmico e filiação institucional, esta última em francês: "F. Max Müller, M. A.,

6 A partir daqui, reproduzimos os títulos em caixa alta sempre que este recurso ocorrer no original.

7 Apesar de muito importante (e exatamente por isso), por questão de espaço, não vamos tratar do conteúdo das notas no presente trabalho, deixando esta abordagem para um próximo artigo.

MEMBRE ÉTRANGER DE L'INSTITUT DE FRANCE”. Mais abaixo, aparece uma epígrafe em latim: “*quod ubique, quod semper, quod ab omnibus*”, sem indicação de autoria. Por fim, temos na página de rosto a indicação da mesma empresa responsável pela impressão da FM, com local e ano; “Printed by Spottiswoode & Co., New-Street Square, London, 1870.

A frase em latim é parte de uma máxima de Vincent de Lerins, monge gaulês do séc. V. Aparece no segundo capítulo do *Commonitorium* (manual de ensino ortodoxo, anti-heresia). Na forma original: “In ipsa item catholici Ecclesia magnopere curandum est ut id teneamus *quod ubique, quod semper, quod ab omnibus* creditum est” [Além disso, na própria Igreja Católica, todos os cuidados possíveis devem ser tomados, pois mantemos aquela fé em que se crê em todos os lugares, sempre, por todos] (Vincent de Lerins, 1834, p. 48, grifo nosso, tradução nossa). Essa frase aparece também na correspondência ativa de Max Müller, numa carta enviada a Ernest Renan, de 21 de abril de 1883, no contexto da publicação da coleção *Sacred Books of the East* (cf. Müller, 1902b, p. 141).

Embora já em formato de livro, a edição não possui prefácio do autor nem notas explicativas relativas à primeira preleção, repetindo *ipsis litteris* as notas das demais preleções da FM. A nova edição apresenta o capítulo inicial com o título “FIRST LECTURE”, seguido de “Delivered at the Royal Institution, February 19, 1870”, na linha de baixo, padrão adotado nas demais preleções, mudando apenas o dia em que foram realizadas. Uma das cópias a que tivemos acesso, a de número 5, apresenta após a folha de rosto a seguinte informação: “Impressa em apenas 16 cópias” e apresentado “à Biblioteca da Taylor Institution”, sendo esta última parte manuscrita, seguida do autógrafo “Max Müller” logo abaixo. Outras informações também manuscritas aparecem ao redor do brasão da biblioteca, impressa em uma das páginas que antecedem a folha de rosto: “Confinado à biblioteca. Não deve circular”, e mais abaixo, “Apresentado pelo autor, 13 de agosto de 1870”.

A terceira edição em língua inglesa teria sido publicada sem autorização dois anos depois, nos Estados Unidos, em 1872, pela Charles Scribner and Company, em Nova Iorque, com 300 páginas, a partir de uma das duas primeiras edições londrinas, talvez a FM em função do título que apresenta: “LECTURES ON THE SCIENCE OF RELIGION”, *sem informar data, local e número de preleções*, que aparecem apenas no título do capítulo da primeira preleção. Segundo Georgina Adelaide Grenfell Max Muller, esposa do autor, uma cópia das *Preleções* foi “pirateada” [sic.] na América [Estados Unidos]. Esse teria sido um dos motivos pelos quais o autor antecipou a sua versão de 1873, na Inglaterra (Müller, 1902a, p. 373). No prefácio da 4ª ed., entretanto, Max Müller refere-se ao ocorrido como *republicação na “América”*, sem maiores detalhes e sem usar o termo “pirateada”.

A edição contém uma novidade: acrescenta mais dois trabalhos de Max Müller, um *paper*, “Buddhist Nihilism”, e a tradução do “Dhammapada or ‘path of virtue’”, a partir da língua páli. O primeiro é uma preleção traduzida do alemão, ministrada na Assembleia Geral da Associação de Filólogos Alemães, em 28 de setembro de 1869, em Dusternbrook, próximo a Kiel, sendo publicada primeiramente na Trübnes’s American and Oriental Literary Record, naquele mesmo ano, com o título *Max Müller’s lecture*

on *Buddhistic nihilism*. A tradução de Max Müller e seu respectivo estudo introdutório foram publicados pela primeira vez em 1870, integrando a obra *Buddhaghosha's parables*, traduzido do birmanês por Captain T. Rogers. O colofão evidencia nova composição tipográfica: “Stereotyped and printed by H. O. HOUGHTON AND COMPANY”. A edição aparenta excelente qualidade de impressão, papel e tinta, sendo, até onde se sabe, a primeira a incluir outros trabalhos de Max Müller ao conjunto das preleções.

Nessa edição, o autor aparece na folha de rosto como “F. Max Müller, M. A.”, e com outros vínculos profissionais: “Fellow of All-Saints’ College, Oxford, Correspondant de L’institut de France, author of ‘Lectures on the science of language’, ‘Chips from a German workshop, etc.’”. O índice geral, que aparece pela primeira vez, apresenta os títulos ordinais das preleções sob o rótulo “LECTURES ON THE SCIENCE OF RELIGION”. Na página seguinte, Max Müller surge com mais um status acadêmico: “Professor of Comparative Philology in the University of Oxford, etc.”. O título do primeiro capítulo segue as edições londrinas, mas, na linha de baixo, abrevia o mês na informação referente à realização das preleções: “FIRST LECTURE”, com “DELIVERED AT THE ROYAL INSTITUTION, FEB. 19, 1870” (grifo nosso). Nos demais capítulos ocorre nova mudança, aparecendo apenas o ordenamento das preleções, sem o registro de local e data.

A publicação contém nas cabeças de páginas o título “THE SCIENCE OF RELIGION” (páginas pares) e “FIRST LECTURE” (páginas ímpares), mudando apenas o número das preleções seguintes. A edição não tem prefácio nem notas explicativas e bibliográficas relativas à primeira preleção, embora possua, nas demais preleções, um conjunto de 83 notas. Além de eliminar o gráfico da segunda preleção, suprime cinco notas de rodapé, especialmente aquelas onde aparecem caracteres árabes e hebraicos presentes nas edições londrinas de 1870. Ainda em 1872, registra-se uma reimpressão onde se faz constar o novo nome da editora, “Scribner; Armstrong, and Co.”, acompanhado de “Successors to Charles Scribner and Company”, Nova Iorque. Dois anos depois, em 1874, foi publicada outra reimpressão, agora já pela Scribner; Armstrong, and Co, Broadway, 654, Nova Iorque. Repete as informações do colofão, em cuja página insere-se a veiculação de propaganda de alguns livros de Max Müller disponíveis em seu catálogo.

A edição revista, atualizada e ampliada do autor: novas edições e reimpressões

Passados três anos, finalmente Max Müller resolveu apresentar sua versão revista, atualizada e ampliada das preleções, publicada em 1873 (doravante EDA) pela Longmans, em Londres, com 403 páginas, a partir das duas primeiras edições (1870) e de seus manuscritos. O título segue a EDL (*Introduction to the Science of Religion*) e não a FM. Na folha de rosto, o subtítulo registra “Four Lectures”, com a informação mais abaixo de que se tratava de preleções ministradas no Real Instituto (Londres), sem a indicação da data do evento na folha de rosto. Semelhantemente à versão norte-americana não autorizada, são acrescentados dois ensaios do autor: On false analogies [in comparative

theology], publicado inicialmente como “A chapter of accidents in comparative theology”, em abril de 1870, no periódico *The Contemporary Review*, e [On] *The philosophy of mythology*, uma preleção ministrada no Real Instituto, em 1871, publicada no mesmo ano, em dezembro, em *The Contemporary Review*. A citação latina é mantida.

No índice geral, temos “LECTURES ON THE SCIENCE OF RELIGION”, idêntico ao título da edição nova-iorquina. Além disso, ao invés do ordenamento “First Lecture”, temos “Lecture I”. Contudo, na abertura do capítulo, usa-se o seguinte título e complementos em caixa alta: “FIRST LECTURE; logo abaixo: DELIVERED AT THE ROYAL INSTITUTION e, separadamente, mais abaixo: FEBRUARY 19, 1870”, formato alterado apenas pelos números e datas da realização das preleções seguintes. A publicação indica ainda nas cabeças de páginas o título *Lectures on the Science of Religion* tanto nas páginas pares como nas ímpares.

Nessa quarta edição em língua inglesa, observa-se pela primeira vez relevantes acréscimos paratextuais: uma dedicatória a Ralph Waldo Emerson, escritor, filósofo e poeta norte-americano; um prefácio assinado com as iniciais M. M., datado de Oxford, em 12 de maio de 1873, onde se registra informações importantes sobre a história desta publicação, e o acréscimo de um conjunto de notas explicativas relativas à primeira preleção, atualizando a discussão, que estavam ausentes nas edições anteriores. As notas das preleções seguintes também recebem modificações. O número total salta de 88 (FM; EDL) para 132 entradas.

Além disso, preserva o gráfico que faz o paralelo entre os ramos étnico-linguísticos ariano-semítico, que consta na segunda preleção da FM e, de forma então inédita, adiciona a este capítulo um quadro estatístico da literatura védica, na segunda preleção. Outra novidade é a inclusão de um Apêndice no final da primeira preleção sobre o imperador Akbar. A edição registra o nome “F. Max Müller, M. A.”, e sua filiação apenas como “Foreign Member of the French Institute, etc.”. O colofão registra os nomes dos tipógrafos responsáveis, ligados à Universidade de Oxford (E. B. Gardner, E. Pickard Hall, e J. H. Stacy)⁸.

O prefácio contém um resumo do histórico da obra, com informações importantes para seu percurso editorial. A primeira delas é que as preleções “pretendiam ser uma introdução a um estudo comparativo das principais religiões do mundo”. Além disso, Max Müller apresenta as razões para não ter publicado sua edição antes, entre as quais aponta a falta de tempo e oportunidade. Refere-se ainda às críticas que havia recebido desde a *editio princeps*, além de mencionar as edições FM, EDL e estrangeiras. Um trecho do prefácio é bastante significativo para entendermos o processo editorial dessa obra, como podemos observar a seguir:

As preleções, como agora impressas, contêm partes consideráveis que foram escritas em 1870, mas que tiveram de ser deixadas de fora no decorrer de sua realização, e, portanto, também ficaram de fora da *Fraser's Magazine*. Eu inseri tais correções e notas suplementares que havia feito de tempos em tempos no decorrer de minha leitura, e algumas observações foram adicionadas no último momento, enquanto via essas folhas através da Imprensa (Müller, 1873, p. viii, tradução nossa).

8 Há, nessa edição digital consultada, um catálogo da editora Longmans, datado de abril de 1878, possivelmente enxertado a posteriori neste exemplar. Trata-se de um encarte de 12 páginas independentes.

Ainda no prefácio, Max Müller também orienta seu leitor a buscar uma visão mais completa sobre os temas abordados nas preleções, remetendo-os a seus “Essays on the Science of Religion, and the Essays on Mythology, Traditions and Customs”, reunidos em *Chips from a German workshop*, volumes 1 e 2, publicados em 1867. Lembra ainda que a literatura relacionada ao que chama de “Teologia Comparativa” no “estudo das religiões antigas da humanidade”, a qual não permaneceria “sem importantes resultados práticos”, estava em crescimento rápido, principalmente nos Estados Unidos, citando vários autores. Nessa direção, Max Müller se mostra convencido de que um tal estudo, uma vez realizado “com um espírito ousado, mas academicamente cuidadoso e com espírito reverente”, removeria “muitas dúvidas e dificuldades que se devem inteiramente à estreiteza de nosso horizonte religioso”; evocando assim, num futuro distante e no próprio “coração do cristianismo um renovado espírito, e uma nova vida” (Müller, 1873, p. ix, tradução nossa).

Fica claro que estamos diante de um conjunto editorial muito mais consistente do que os predecessores. A razão para isso está relacionada sobretudo à inclusão de trechos dos manuscritos originais, informada pelo próprio autor no prefácio, deixados de fora nas próprias preleções ministradas no Real Instituto, em Londres, bem como nas publicações de 1870. Ademais, há também o trabalho do próprio autor nas correções e adição de notas suplementares, além daquelas observações de última hora, ante a repercussão na imprensa e diálogo crítico, como ele mesmo declara no prefácio.

Passada quase uma década, surgia em 1882 a 5ª ed., a partir do texto estabelecido por Max Müller em 1873. Essa nova edição, com 341 páginas, publicada também pela Longmans, em Londres, conserva da edição anterior o título, subtítulo, local de realização das preleções e epígrafe latina. Restabelece, contudo, a data do evento na página de rosto, porém indicando o mês de maio ao invés de março (equivoco que permaneceu nas duas edições posteriores), além de incluir novas alterações paratextuais. Uma delas é a ocorrência, pela primeira vez, do aviso legal “*All rights reserved*” e da indicação “New Edition”. Há um considerável aumento no número de notas explicativas e bibliográficas de rodapé, saltando de 132 para 192 nessa edição, mantendo este mesmo total nas edições seguintes (ver detalhes mais à frente).

Outra mudança significativa está relacionada ao índice geral, que adiciona uma seção de cinco notas mais longas e uma ilustração, ao final das quatro preleções, com referência a alguns dos temas abordados às páginas 17, 40, 57, 66, 128 e 186⁹, na seguinte ordem: The Emperor Akbar, que aparece como Apêndice da primeira preleção da 4ª ed. (1873); The Languages of Africa¹⁰; Vedic Literature (ilustração), que aparece

9 Há uma pequena diferença entre os títulos que aparecem no índice geral e sua correspondência nas notas propriamente ditas.

10 Resenha publicada na Times londrina sobre a obra do linguista, arqueólogo e egiptólogo alemão Karl Richard Lepsius, *Nubische Grammatik mit einer Einleitung über die Völker and Sprachen Afrikas*, publicada em Berlim, pela Verlag von Wilhelm Hertz, em 1880.

na segunda preleção da 4ª ed., *Polynesian Mythology*¹¹; *The Chinese name for God*¹² e *Mythology of the Hottentots*¹³.

Na sequência dessas notas, registra-se uma notícia da coleção *Sacred Book of the East*, datada de 1876, seguida de uma carta de 1882 ao Rev. Deão Arthur Penrhyn Stanley, da Abadia de Westminster, abordando esta coleção, além de uma lista contendo 17 volumes publicados até então, com a indicação de mais seis no prelo¹⁴. Esta 5ª ed. ainda mantém o gráfico étnico-linguístico ariano-semita, original da 1ª ed. que aparece na segunda preleção e a dedicatória a Ralph Waldo Emerson. Outra novidade é a adição de um índice remissivo. Uma edição de catálogo comercial da editora aparece depois desse índice, com data daquele ano.

No índice geral, temos novamente o rótulo “LECTURES ON THE SCIENCE OF RELIGION”, seguindo aqui o título da FM (1870) e da edição nova-iorquina (1872) e não o da EDA (1873). Repete o ordenamento “Lecture I”, mas muda para “FIRST LECTURE” para nomear o título do respectivo capítulo, indicando logo abaixo as informações de local e data, que, aqui, são idênticas às da EDA. Quanto aos títulos das cabeças de páginas, temos novamente “LECTURES ON THE SCIENCE OF RELIGION” (páginas pares) e “LECTURE I”; “LECTURE II”, etc. (páginas ímpares). É interessante que mesmo usando o segundo título que a obra recebeu a partir da EDL (*Introduction to the...*), aquele usado na *editio princeps* (*Lectures on the...*) continua presente nas publicações seguintes, como temos observado até aqui.

Outra mudança significativa foi a remoção dos dois artigos de Max Müller publicados anteriormente: “On false analogies in comparative theology” e “On the philosophy of mythology”, espaço preenchido pelas notas de fim, já citadas. No colofão, aparecem dois dos três nomes anteriormente informados: E. Pickard Hall, agora ostentando um título acadêmico (M. A.), e J. H. Stacy. O prefácio da edição anterior volta a aparecer nesta, com mesma data e local, deixando subentendido que seria o mesmo de 1873, embora em 1882 seja reproduzido com pequenas mudanças na redação, algumas de ordem sintática, com remoção e adição de termos, outras buscando clareza, dando ênfase ou atualizando informação.

A mais significativa está relacionada às referências críticas que a obra recebeu “contra a [própria] possibilidade de um estudo científico das religiões, e contra {minhas} [as] visões [que me aventurei apresentar] sobre a origem, o crescimento e o valor real dos antigos sistemas de fé, elaborados por diferentes ramos da raça humana” (Müller, 1873, p. vii; entre colchetes os acréscimos; e entre chaves a supressão; 1882, p. vii). Ademais,

11 Prefácio de Max Müller à obra *Myths and Songs from the South Pacific*, do Rev. William Wyatt Gill, publicada pela Henry S. King & Co., em Londres, 1876.

12 Correspondência endereçada a Müller por missionários na China e sua resposta à antiga controvérsia sobre se o termo *Ti* em chinês deveria ser traduzido por Deus, além de um artigo de John Morrison Chalmers (1825-1899), missionário protestante escocês e tradutor na China, publicado em Hong-Kong em 1880.

13 Resenha do livro *Tsuni-goam, the supreme being of the Khoi-khoi*, do linguista Hahn Theophilus, especializado na língua nama/hotentote, do povo Khoi-Khoi, no sudoeste africano. Obra publicada em 1881 pela Trübner & Co., Londres.

14 *Sacred Books of the East* é uma coleção de 50 volumes em inglês de textos religiosos asiáticos importantes do hinduísmo, budismo, taoísmo, confucionismo, zoroastrismo, jainismo e islamismo, com traduções de vários autores orientalistas (Molendijk, 2016, p. 200).

inclui-se uma nota sobre a reedição de *Chips from a German workshop*, com adições, integrando *Selected essays on language, mythology and religion*, em 2 v., publicado em 1881 pela Longmans. Por fim, o nome do autor nesse prefácio é abreviado na forma F. M. M., diferentemente de M. M., na edição anterior.

Em janeiro de 1893, foi publicada a 6ª ed. pela Longmans, em Londres. Trata-se da Silver Library Edition, uma versão de luxo. Também em 1893, no mês de abril, a mesma editora publicou uma reimpressão da obra. Tais informações aparecem em uma nota bibliográfica no v. XIV da Coletânea de trabalhos de Max Müller, publicada em 1899. Adicionalmente, nessa mesma nota, há ainda a indicação de uma nova reimpressão, com data de 1897. Não tivemos acesso ao exemplar digitalizado desta 6ª ed. (Library Edition). Contudo, há pelo menos duas referências no trabalho de Lourens Peter van den Bosch que atestam essa publicação como nova edição, inclusive apontando correções no texto (cf. van den Bosch, 2002, p. xii; 304).

Por outro lado, consultamos um exemplar digital, em preto e branco, de 1893, apresentando três alterações paratextuais em relação à 5ª ed., de 1882: 1) o título acadêmico é alterado de M.A. para K.M., correspondente ao título de cavaleiro da “Order Pour le Mérite for Sciences and Arts of Prussia”, recebida em 1874 (Müller, 1902a, p. 462-463; Molendijk, 2016, p. 30); 2) o autor da epígrafe em latim, Vincent de Lerins, que aparece pela primeira vez; 3) no colofão, o registro de apenas um tipógrafo responsável, ligado à Universidade de Oxford: Horace Hart. Há ainda o acréscimo de um catálogo comercial da editora Longmans, atualizando várias obras de Max Müller. Nesse caso, somente o acesso direto à edição física e também à reimpressão poderá esclarecer se o exemplar consultado seria a 6ª ed. (Silver Library Edition, 1893) ou a reimpressão de abril do mesmo ano.

Finalmente, chegamos à 7ª ed., de 1899, publicada um ano antes da morte de Max Müller, pela Longmans, com 341 páginas, dentro do volume XIV, da *Collected works of the right hon. F. Max Müller*. A maior parte do paratexto é semelhante ao exemplar de 1893 referido acima. Contudo, na folha de rosto, existem algumas alterações: surge a notificação “Re-issue” e no endereço da editora é adicionado mais uma localidade: “39 Paternoster Row, London and Bombay”. Além disso, há um pequeno catálogo, aparentemente da própria edição, com várias obras de Max Müller.

Nesta 7ª ed., como observado, há uma nota bibliográfica da Longmans informando as publicações da obra, desconsiderando as duas primeiras edições de Londres (FM; EDL, 1870) e a de Nova Iorque (1872) com suas reimpressões (1872; 1874). A nota informa o seguinte: “Primeira impressão, maio de 1873; Reimpressão, outubro de 1882; Silver Library Edition, janeiro de 1893; Reimpressão, abril de 1893; maio de 1897; Reedição dentro da coletânea, março de 1899”. A dedicatória a Ralph Waldo é mantida. O prefácio e o nome do autor, o índice geral e remissivo, além das cabeças de páginas, são idênticos aos da 6ª ed., 1893.

Edições estrangeiras: década de 1870 e século XX

A primeira tradução estrangeira foi em língua francesa, publicada em 1873 pela Librairie Germer Baillière, em Paris, com 175 páginas, possivelmente a partir da FM

(1870), feita por H. Dietz. Contém apenas o título em caixa alta “LA SCIENCE DE LA RELIGION”, por “M[onsieur]. Max Müller”, que aparece como professor da Universidade de Oxford. Não registra notas de rodapé referentes à primeira preleção. Embora apresente para as demais preleções, o faz com algumas omissões e supressões de partes das notas originais, especialmente de caracteres árabes e hebraicos, além de pequenas divergências, como em referências bíblicas. Não faz menção ao número das preleções nem ao local e data de sua realização, além de outros marcos paratextuais que apareceram na terceira e quarta edição em inglês, como o prefácio do autor, embora mantenha o gráfico da segunda preleção, porém, sem a adição do quadro estatístico da literatura védica, presente na edição inglesa do mesmo ano. Nas cabeças de página, usa o título da obra nas páginas pares e o título do respectivo capítulo nas ímpares.

A edição francesa é semelhante às duas primeiras edições londrinas (FM e EDL) ao compartilhar essa formatação mínima. Contudo, algumas escolhas são significativas, como a opção de dar aos capítulos apenas números em algarismo romano, sem o termo “Leçons”, adicionando logo abaixo títulos para cada preleção de duas formas no caso da primeira delas: a) no índice: I – But, utilité *de la science de la Religion* – La religion – La théologie comparée; b) nos capítulos: I – But, utilité *de cette science* – La théologie comparée (grifo nosso). Nas demais preleções, os títulos do índice e dos capítulos coincidem: II – Difficulté et importance d’une classification des Religions; III – Classification des Religions e IV – De l’interprétation des Religions anciennes. Por fim, contém um catálogo, situado antes da folha de rosto, com obras de Max Müller traduzidas para o francês, como *La Science du Langage*, 1867. A tradução francesa das preleções foi impressa na tipografia A. Moussin, em Coulommiers.

No ano seguinte, em 1874, aparecia a edição italiana, QUATTRO LETTURE D’INTRODUZIONE ALLA SCIENZA DELLE RELIGIONI, Florença, G. C. Sansoni Editora, com 274 páginas e tradução de Gherardo Nerucci, que possuía experiência em tradução e no texto de Max Müller. Toma como base uma das duas primeiras edições de 1870, possivelmente a EDL. Apresenta na forma de apêndices dois textos adicionais que também apareceram na EDA (1873), “On false analogies in comparative theology” e “On the philosophy of mythology”, traduzidos para o italiano como “Notazioni sopra gli accidenti che possono occorrere nella Teologia comparata” e “Sopra la Filosofia della Mitologia”. Contudo, não contém as notas que Max Müller acrescentou à primeira preleção. Aqui, a tradução segue as notas das edições londrinas de 1870, embora com algumas omissões e supressões, especialmente de caracteres árabes e hebraicos, além de pequenas divergências, como em data e número de página.

A tradução preserva igualmente o gráfico da segunda preleção e a epígrafe em latim, até então, sem indicação expressa de autoria, e presente apenas na EDL e na EDA. Não apresenta o prefácio do autor, a dedicatória, o quadro estatístico da literatura védica, nem o apêndice da primeira preleção sobre o imperador Akbar (talvez indicativos de que não teve acesso à EDA). Também não há título nas cabeças de páginas. Por outro lado, acrescenta algumas novidades para uma edição estrangeira: uma advertência do tradutor; dezenove notas contextuais de comentários e explicações do tradutor em todas as preleções e um índice remissivo, que só apareceria nas edições inglesas a partir da 5ª

ed., em 1882, como visto anteriormente. A obra foi impressa na tipografia [Giovanni] Carnesecchi, em Florença.

O nome do autor, “Max Müller”, aparece sem os títulos observados nas edições inglesas. Os capítulos são nomeados como “Lettura I”, vindo logo abaixo “Fatta il 19 Febbraio del 1870”, repetindo-se o modelo nas preleções seguintes. No índice geral, a edição atribui títulos de maneira diferente da edição francesa em relação apenas à primeira preleção: I. Fine, utilità *della Religione* – Religione – Teologia comparata; II. Difficoltà e importanza di una classificazione delle Religioni; III. Classificazione delle Religioni; IV. Della interpretazione delle Religioni antiche (grifo nosso). Com exceção do primeiro título, esta nomenclatura é idêntica àquela da edição francesa do ano anterior. A diferença é que, no caso francês, a ênfase no título I está no objetivo e utilidade da então nova “ciência”; no caso italiano, no objetivo e utilidade da “religião”.

Na advertência, Nerucci apresenta informações que lançam luzes sobre alguns pontos do percurso editorial da obra. Primeiramente, sugere que a tradução teria sido autorizada por Max Müller. Em seguida, faz algumas observações sobre a edição francesa, publicada um ano antes, tecendo uma crítica à qualidade desta tradução, que “nem sempre parece expressar exatamente as ideias do autor”, afirmando que a edição italiana já estaria “pronta para impressão desde 1871, com a publicação adiada por motivos desnecessários”. Além disso, teria vantagem sobre a tradução francesa por incluir dois textos de Max Müller dentro da mesma temática que, de certa maneira, comporia “um todo homogêneo”, ao passo que a edição francesa continha apenas as quatro preleções, como nas edições londrinas (Nerucci, 1874a, pp. v-vi).

É interessante observar que a alegação de Nerucci em relação a um texto pronto já em 1871 ganha consistência quando comparamos o paratexto das edições. O padrão italiano segue as edições londrinas de 1870 e a de Nova Iorque (1872), caso tenha tido acesso a esta última, ao incluir dois trabalhos do autor, e não se assemelha àquela de 1873, de Max Müller, exceto exatamente pelos textos adicionais. Se a informação do prefácio dando conta de que a tradução italiana já estaria pronta para impressão desde 1871 for correta, então, talvez, o projeto da tradução italiana tenha inspirado a inclusão desses dois textos na edição de Max Müller e não o contrário, embora publicada depois. O mesmo pode ter ocorrido em relação à edição norte-americana.

Relacionado a isso, como observado, as traduções francesa e italiana compartilham praticamente a mesma atribuição de títulos para as preleções, inexistentes nas publicações em língua inglesa. Fica difícil imaginar aqui um lance do acaso, embora obviamente possível, em que dois tradutores interpretaram a obra de tal forma que deram títulos idênticos pelo menos para três das quatro preleções. Sobretudo porque, ao cruzarmos o paratexto de ambas as traduções, especialmente em relação às notas de rodapé, verificamos que a tradução francesa não continha as mesmas informações divergentes do texto original encontradas na tradução italiana e vice-versa, indicando que o paratexto de ambas as traduções estava baseado nas duas primeiras edições em inglês (FM e EDL, 1870) e não entre elas mesmas (caso em que, possivelmente, ocorreriam as mesmas divergências). Mas quanto aos títulos dos índices, permanece a dúvida.

Ainda em 1874, era publicada em Estrasburgo a tradução para o alemão, baseada na 4ª ed. da obra, EINLEITUNG IN DIE VERGLEICHENDE RELIGIONSWISSENSCHAFT,

com as seguintes informações mais abaixo: “Vier Vorlesungen im Jahre MDCCCLXX”, além do local de realização do evento: “An der Royal Institution in London Gehalten”. A obra contém dois ensaios já mencionados, presentes na edição inglesa de base traduzidos como “Über falsche analogien” e “Über philosophie der mythologie”. O nome do autor, “F. Max Müller”, aparece sem qualquer título acadêmico associado, com a epígrafe latina logo em seguida. Foi publicada pela editora Karl J. Trübner. O colofão registra Friedrich Wolff como o responsável pela impressão. Dois anos depois, em 1876, a mesma editora publicou uma reimpressão dessa obra.

Na folha falsa de rosto, há um medalhão com o perfil de Max Müller, de autoria do escultor irlandês Albert Bruce-Joy (1842-1924). A edição não contém a dedicatória a Ralph Waldo Emerson, presente na edição inglesa. O índice informa as quatro preleções em numeração ordinal, sem títulos atribuídos, seguidas dos dois artigos mencionados acima. Ao final da primeira preleção, há o apêndice sobre o imperador Akbar. Em todas as cabeças de páginas há o título “Vorlesungen über Religionswissenschaft. I.”, mudando apenas o número das preleções seguintes (II, III e IV). As aberturas dos capítulos também apresentam as informações sobre o local de realização e a data. O gráfico da segunda preleção em inglês é mantido, bem como o quadro estatístico da literatura védica, até então presente apenas na quarta (1873) e quinta (1882) edições inglesas. Mas é em seu prefácio que temos as mais relevantes informações dessa edição do ponto de vista do paratexto.

A primeira delas nos informa que a tradução das preleções para o alemão é, em grande parte, trabalho do próprio Max Müller, “pelo qual muito não foi apenas traduzido, mas também repensado e revisado”. Não se registra a data deste peritexto, subentendendo-se que seria uma reprodução de sua versão em língua inglesa. Mas não é. O autor modificou alguns pontos sensíveis do texto. A primeira alteração diz respeito ao número de cópias da EDL de 1870, que salta de 16 (registrado na própria edição) para 25 nesse prefácio¹⁵. Noutro momento, Max Müller repete a afirmação de que mesmo diante da falta de tempo e de trabalhos em andamento como a edição do Rig-Veda, se viu obrigado a organizar essa edição quase como uma “autodefesa”, uma vez que as preleções já estavam sendo reeditadas em língua inglesa nos Estados Unidos e no estrangeiro, a partir da 1ª ed. (FM), a qual, segundo o autor, tratava-se de uma “edição incompleta e em vários lugares incorreta” (Müller, 1874b, pp. ii-v, tradução nossa), afirmação esta que não aparece no prefácio em inglês.

Além disso, o autor declara que a edição não apenas contém muitas melhorias, mas que teria aumentado quase o dobro de notas suplementares¹⁶. E embora, segundo o autor, não fosse exatamente o que se esperava apresentar naquela ocasião, a obra pelo menos cumpriria “o objetivo de seu título, ao oferecer uma introdução ao estudo científico das religiões da humanidade”. Um aspecto relevante desse objetivo estava

15 Aqui temos uma informação divergente. Se no prefácio à 4ª edição em inglês o autor não informa a quantidade de exemplares, 25 cópias não correspondem ao que a edição limitada de 1870 nos apresenta: 16 cópias (Cf. Müller, 1902, 377, 401).

16 Em relação à 4ª ed. (EDA), o aumento foi de 14 notas, mas em relação à 1ª ed. (FM), que não possui notas na primeira preleção, este número sobe para 58, num total de 146 para a edição alemã.

relacionado ao principal foco do trabalho, que, segundo Max Müller, era “demonstrar que uma classificação genealógica das religiões paralela às línguas é possível”, a qual se configuraria como um tipo de “consciência divina” como “única base segura para todas as pesquisas adicionais nessa área, que reivindique caráter científico”, esperando que, no conjunto, seus trabalhos despertassem “o desejo de pesquisa independente entre os leitores mais jovens, aqui e ali” (Müller, 1874b, pp. ii-v, tradução nossa).

O sentimento acerca do crescimento dessa então nova ciência é observado e evidenciado por Max Müller ao apontar, como no prefácio da edição de 1873, mas agora com mais ênfase, vários trabalhos e autores que estariam empenhados nessa direção, “que são a minoria do presente, i.e., a maioria do futuro”. Para o autor, a cada ano esta ideia se tornava mais presente: “Posso estar errado, mas tem sido minha convicção mais profunda há anos de que nada exercerá uma influência tão salutar na solução de nossas dificuldades religiosas como um estudo estritamente histórico e sem preconceitos das religiões da humanidade”. E se por um lado, na Alemanha, a preocupação fosse mais teórica, nos Estados Unidos, por outro, “já se tira[ria] as conclusões práticas” dessa nova perspectiva, bastando ler os livros de James F. Clarke, Samuel Johnson, O. B. Frothingham, F. W. Higginson, W. C. Gannet, J. W. Chadwick e F. E. Abbot, para ver “que esta é uma nova era no desenvolvimento histórico da religião”. Ademais, sinais receptivos situados dentro da própria igreja, nesse sentido, indicavam essa mudança e abertura para uma nova perspectiva em relação ao estudo de religião (Müller, 1874b, pp. ii-v, tradução nossa).

Somente em 1945 surgiu a tradução para o espanhol, na Argentina, possivelmente com base na tradução francesa do texto de Max Müller (embora não informada pela editora). Ao seguir o padrão francês, como, por exemplo, assumindo os mesmos dados divergentes nas notas de rodapé, tudo indica que a edição em espanhol tenha usado a tradução francesa e não as primeiras edições em inglês de 1870 ou a tradução italiana, de 1874. Embora já fora do período considerado em nosso artigo (até 1900), algumas poucas informações merecem registro, uma vez que atesta, pelo menos até próximo do final da segunda metade do século XX, interesse na obra de Max Müller sobre religião, fora da Europa.

O título é LA CIENCIA DE LA RELIGION, que corresponde à primeira parte da edição, sendo a segunda parte a tradução de outra obra de Max Müller, relacionado ao mesmo tema: ORIGEN E DESARROLLO DE LA RELIGION (*Lectures on the origin and growth of religion*, 1878). A tradução foi publicada em Buenos Aires, em novembro de 1945, dentro da “Coleção Histórica” pelo Editorial Albatros, com tradutor não informado (talvez, Luis de Terán) e revisão e correção de M. H. Alberti. O autor aparece como “Max Müller”, associado à Universidade de Oxford. Contém no índice geral e nos títulos dos capítulos a mesma indicação da edição francesa. Nas cabeças de páginas pares, registra “MAX MÜLLER” e nas ímpares, “LA CIENCIA DE LA RELIGION”. Segue o mesmo padrão de notas de rodapé da edição francesa e mantém o gráfico da segunda preleção. Artes Gráficas Linares y Cia. responde pela impressão.

Considerações finais

O estudo do paratexto das “Preleções introdutórias à Ciência da Religião”, de Max Müller, adiciona ao capital bibliográfico desta ciência, em especial ao que temos deste autor, um conjunto significativo de informações aqui recuperado e sistematizado. Dados que, dependendo de uma ou outra perspectiva, podem ser fundamentais para determinada pesquisa nessa área, uma vez que nos ajudam a compreender, com maior precisão e numa visão global, partes da história dessa ciência em seu período formativo, através da obra de uma das figuras mais proeminentes relacionadas à proposição dessa disciplina no século XIX, na Europa. Partindo dos elementos mais significativos do seu paratexto, dois dos quais aqui considerados (títulos e prefácios), passamos a destacar alguns aspectos que dialogam tanto de forma direta (peritexto) como indireta (epitexto) com o texto propriamente dito.

É preciso considerar essas “Preleções” a partir de suas sete edições conhecidas, ao longo de quase três décadas. E, como alertamos, talvez até mais, salvo melhor levantamento posterior, através de uma rede internacional de pesquisadores, que adicione novas informações relevantes nesse sentido. Embora essa perspectiva esteja quase sempre ausente em artigos da área, mais pela falta de trabalhos disponíveis do que por negligência do pesquisador, não podemos prescindir do quadro amplo e detalhado que ela fornece para os estudos nessa direção. No caso da obra em foco, a variedade de nomenclaturas verificada já nas duas primeiras edições de 1870, por exemplo, sugere um estágio de compreensão ainda muito inicial sobre o que significaria uma “Ciência da Religião”.

O primeiro título, “preleções *sobre* a Ciência da Religião”, apresentava uma noção superestimada de uma disciplina já estabelecida, embora tal condição exigisse muito mais do que aquelas quatro preleções fossem capazes de fornecer. Fato este logo percebido pelo autor que, passados poucos meses entre o evento no Real Instituto (Londres) e a publicação da 2ª ed., mudaria sua concepção acrescentando o termo “introdução” ao seu título, embora este entendimento já estivesse presente no próprio texto. Assim, de uma “Ciência da Religião” pura e simplesmente, logo contestada, passava-se a uma modesta introdução a esta ideia de Ciência da Religião, enfatizada tanto no prefácio de 1873 quanto no seu modificado correlato alemão de 1874, bem como no da edição de 1882.

Um problema que, aparentemente, se estenderia até mesmo para o nome da disciplina, designada de múltiplas formas durante sua consolidação no século XIX, e ainda muito presente em nossos dias. E se por um lado, a FM daria a público a primeira versão do texto, municiando o “fogo” inimigo a que Müller se refere no prefácio de 1873, a segunda edição (EDL) abasteceria uma crítica menos hostil e mais construtiva, sendo aproveitada na edição revisada pelo autor, cujo paratexto foi substancialmente aumentado.

Outro aspecto destacado com base neste tipo de estudo diz respeito ao alcance que a obra conseguiu cruzando o Atlântico, em direção à América, numa edição não autorizada de excelente qualidade gráfica, que, indiretamente, apontava para uma demanda interessada no tema das preleções (Ciência da Religião) fora da Europa, dois anos após sua 1ª ed. (1870), em Londres. Aqui, ainda podemos acrescentar que, entre 1871 e 1874, a obra receberia semelhante atenção a partir de suas traduções na França,

Itália, Alemanha e Suécia. Além disso, mudanças nas traduções dos títulos da obra, atribuição de títulos para capítulos, em cujos originais inexistiam, entre outros pontos relevantes nesse sentido, a exemplo da crítica do tradutor italiano à edição francesa, aumentam nosso conhecimento acerca desse livro, disponibilizando dados essenciais para sua análise em perspectiva global.

Ademais, as constantes alterações nas notas explicativas, verificadas ao longo desse processo editorial, também apontam para o embate entre “peritexto” e “epitexto”, motivado e evidenciado pelo diálogo crítico de então, embora aqui considerado muito superficialmente, como frisamos (ver nota 7). Afora isso, as mudanças também mostram “a mão” ainda atuante do autor, pelo menos até a 5ª ed. (1882), através do acréscimo de relevantes 60 notas em relação à 4ª ed. (1873). Desta forma, entre a primeira edição (88 notas) e a última conhecida (192 notas), a obra recebeu significativos 104 suplementos. Ilustra esta “conversa” uma extensa nota situada na página 20 da 4ª ed., com explicações detalhadas sobre o uso de faculdade mental como expressão para perceber o infinito, dentre outros aspectos, ante o mal-entendido que isto tinha suscitado a partir da 1ª ed. A este respeito, na época, uma das críticas mais recorrentes e vigorosas recebida por Max Müller estava associada a essa expressão, especialmente ao termo faculdade (cf. Leuba, 1912, p. 339).

Outra fonte relevante de informações paratextuais são os prefácios, especialmente se considerados ao longo de quase três décadas, através dos quais se esclarece, revisa, adiciona e amplia, dialogando diretamente com seu “epitexto”. Algo perceptível ao compararmos, por exemplo, os prefácios da 4ª ed. (1873), da tradução alemã (1874) e da 5ª ed. (1882), onde podemos “ler”, em suas entrelinhas, esse diálogo paratextual. Vistos sinoticamente, o paratexto de uma forma geral, e esse peritexto em particular, nos permitem acompanhar a evolução da ideia de uma Ciência da Religião e de sua recepção crítica. O próprio Max Müller informava em 1873, ante uma repercussão em parte desfavorável à obra, que muita coisa sobre seu pensamento acerca desta então nova disciplina poderia ser encontrada em seu trabalho de 1867 (Chips I e II), que reunia diversos artigos publicados anteriormente sobre essa temática de maneira mais ampla, em periódicos como *Edinburgh e Quarterly Reviews*, *Oxford Essays*, *Macmillan's e Fraser's Magazines*, *Saturday Review* e *Times*.

Relacionada a essa recepção, a correspondência ativa de Max Müller, que ao lado das resenhas integram o “epitexto” da obra, nos informam que o próprio título das preleções já “suscitava oposição e críticas, com muitas pessoas objetando a possibilidade de um estudo científico das religiões” (Müller, 1902a, p. 373), lembrando-nos ainda de que o tema controverso retornaria à pauta de Max Müller, posteriormente, nas preleções que realizou em Londres e Glasgow (Hibbert Lectures, 1878, e The Gifford Lectures, 1888-1892), publicadas depois como *Lectures on the origin and growth of religion*, 1878; *Natural religion*, 1889; *Physical religion*, 1891; *Anthropological religion*, 1892 e *Theosophy or psychological religion*, 1893, que, em seu conjunto, formaria a base a partir da qual é possível “sistematizar e articular” a proposta do autor para uma Ciência da Religião.

Ao refazer o percurso editorial de obras paradigmáticas como essas preleções, podemos chegar com mais segurança a algumas conclusões sobre a gênese de uma disciplina que desde a segunda metade do século XIX tem buscado seu reconhecimento científico,

especialmente quando estão em jogo questões metateóricas como a definição de seu objeto, metodologia e teoria (com todas discutidas nesse conjunto de obras referidas). Como pudemos constatar, o paratexto de uma determinada obra estabelece implicações menos visíveis ao estudioso de apenas uma de suas edições, sobretudo quando estamos diante de sete delas (e talvez mais), obrigando-nos a considerá-la nessa perspectiva longitudinal. Portanto, conhecer ou não conhecer sua rota editorial a partir das relações intertextuais que a obra possui consigo mesma, pode ser determinante para aquilo que sabemos sobre o caminho percorrido por essa ideia de Ciência da Religião, iluminando ou obscurecendo partes fundamentais de seu processo de construção presentes nessa obra que, de certa forma, se não inaugura, pelo menos põe a roda dessa ordem para girar.

Referências

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Base teórica de crítica textual. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2004.

CAMBRAIA, César Nardelli. Introdução à crítica textual. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE, Pierre Daniel. Lehrbuch der Religionsgeschichte. Freiburg: Mohr Siebeck, 1887.

CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE, Pierre Daniel. Manual of the Science of Religion. London: Longmans, 1891.

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico da língua portuguesa. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2012 [1982].

GENETTE, Gérard. Palimpsestes. La littérature au second degré. Paris: Seuil, 1982.

GENETTE, Gérard. Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. São Paulo: Ateliê, 2009.

GENETTE, Gérard. Seuils. Paris: Seuil, 1987.

HARNACK, Adolf. Die Aufgabe der theologischen Fakultäten und die allgemeine Religionsgeschichte. Giessen: Alfred Cöpelmann; J. Ricker'sche, 1901.

HOCK, Klaus. Introdução à Ciência da Religião. São Paulo: Loyola, 2010.

HOUAISS, Antônio. Apresentação (da 1.ª Edição). In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. Base teórica de crítica textual. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2004, p. 7-9.

HOUGHTON, Walter Edwards. (ed.). The Wellesley Index to Victorian Periodicals 1824–1900. Vol. II. Toronto; Buffalo: University of Toronto, 1972.

JORDAN, Louis Henry. *Comparative religion: its genesis and growth*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1905.

KITAGAWA, Joseph M; STRONG, John S. Friedrich Max Müller and the Comparative Study of Religion. In: SMART, Ninian et al. *Nineteenth century religious thought in the West*. Vol. III. Cambridge: Cambridge University, 1985, pp. 179-213.

KLIMKEIT, H.-J. Friedrich Max Müller (1823-1900). In: MICHAELS, Axel (ed.). *Klassiker der Religionswissenschaft: Von Friedrich Schleiermacher Bis Mircea Eliade*. Munique: C. H. Beck, 1997, pp. 29-40.

KUHN, Thomas. *The structure of scientific Revolution*. Chicago: The University of Chicago, 1962.

LEUBA, James H. *A psychological study of religion: its origin, function and future*. New York: MacMillan, 1912.

MASUZAWA, Tomoko. *The invention of world religions. Or, how European universalism was preserved in the language of pluralism*. Chicago; London: University of Chicago, 2005.

MOLENDIJK, Arie L. *Friedrich Max Müller and the Sacred Books of the East*. Oxford: Oxford University, 2016.

MÜLLER, F. Max. *Collected works of the right hon. F. Max Müller*. Vol. XIV. *Introduction to the Science of Religion: four lectures*. Delivered at the Royal Institution in February and May 1870. London and Bombay: Longmans, 1899.

MÜLLER, F. Max. *Einleitung in die vergleichende Religionswissenschaft*. Vier vorlesung im jahre MDCCCLXX. An der Royal Institution in London Gehalten. Nebst zwei essays: "Über falsche analogien" und "Über philosophie der mythologie". Strassburg: Karl J. Trübner, 1874b.

MÜLLER, F. Max. *Introduction containing Buddha's Dhammapada, or "Path of virtue"*, translated from pâli. In: ROGERS, Captain T. *Buddhaghosha's parables*. Translated from Burmese. London: Trübner, 1870, pp. vi-clxx.

MÜLLER, F. Max. *Introduction to the Science of Religion: four lectures*. Delivered at the Royal Institution. With two essays, "On false analogies", and "The philosophy of mythology". London: Longmans, 1873.

MÜLLER, F. Max. *Introduction to the Science of Religion: four lectures*. Delivered at the Royal Institution in February and May 1870. London: Longmans, 1882.

MÜLLER, F. Max. *Introduction to the Science of Religion: four lectures*. Delivered at the Royal Institution in February and May 1870. London: Longmans, 1893.

MÜLLER, F. Max. *Introduction to the Science of Religion: four lectures*. Delivered at the Royal Institution in February and March 1870. London: Spottiswoode, 1870.

MÜLLER, F. Max. Lectures on the origin and growth of religion as illustrated by the religions of India. London: Longmans; Williams and Norgate, 1878.

MÜLLER, F. Max. Natural religion. London; New York: Longmans, 1889.

MÜLLER, Friedrich Max. Introdução à Ciência da Religião. Tradução de Brasil Fernandes de Barros; editoração e comentários críticos de Fabiano Victor Campos. Belo Horizonte: Senso, 2020. (Clássicos da Ciência da Religião).

MÜLLER, Friedrich Max. Primeira palestra. Tradução de Pedro Rodrigues Camelo. Rever, Revista de Estudos da Religião, vol. 20, n. 1, 2020, pp. 305-309.

MÜLLER, Friedrich Max. The life and letters of the right honorable Friedrich Max Müller, edited by his wife. Vol. I. London: Longmans, 1902a.

MÜLLER, Friedrich Max. The life and letters of the right honorable Friedrich Max Müller, edited by his wife. Vol. II. London: Longmans, 1902b.

MÜLLER, Max. A chapter of accidents in comparative theology. The Contemporary Review. New Series. Vol. XIV, April 1870, pp. 1-19.

MÜLLER, Max. Chips from a German workshop: essays on mythology, traditions, and customs. Vol. II. London: Longmans, 1867.

MÜLLER, Max. Chips from a German workshop: essays on the Science of Religion. Vol. I. London: Longmans, 1867.

MÜLLER, Max. Inledning till den jemförande religionsvetenskapen: fyra föreläsningar. Öfversättning af Fredrik Fehr. Stockholm: Seligmann, 1874.

MÜLLER, Max. La Ciencia de la Religion y Origen e desarrollo de la religion. Buenos Aires: Albatros, 1945.

MÜLLER, Max. La Science de la Religion. Traduit de l'anglais par H. Dietz. Paris: Librairie Germer Baillière, 1873.

MÜLLER, Max. Lectures on the Science of Religion. First lecture. Delivered at the Royal Institution, February 19, 1870. In: FROUDE, J. A. (ed.). Fraser's Magazine. New Series. Vol. I. January to June 1870. London: Longmans, 1870, pp. 444-455.

MÜLLER, Max. Lectures on the Science of Religion. Fourth lecture. Delivered at the Royal Institution, March 12, 1870. In: FROUDE, J. A. (ed.). Fraser's Magazine. New Series. Vol. II. July to December 1870. London: Longmans, 1870, pp. 100-112.

MÜLLER, Max. Lectures on the Science of Religion. Second lecture. Delivered at the Royal Institution, February 26, 1870. In: FROUDE, J. A. (ed.). Fraser's Magazine. New Series. Vol. I. January to June 1870. London: Longmans, 1870, pp. 581-593.

MÜLLER, Max. Lectures on the Science of Religion. Third lecture. Delivered at the Royal Institution, March 5, 1870. In: FROUDE, J. A. (ed.). Fraser's Magazine. New Series. Vol. I. January to June 1870. London: Longmans, 1870, pp. 695-717.

MÜLLER, Max. Lectures on the Science of Religion. With a paper on Buddhist nihilism, and a translation of the Dhammapada or "Path or virtue". New York: Charles Scribner, 1872.

MÜLLER, Max. Max Müller's lecture on Buddhistic nihilism. Trübnes's American and Oriental Literary Record, n. 50, October 1869, pp. 561-565.

MÜLLER, Max. On the philosophy of mythology. The Contemporary Review. New Series. Vol. XIX, December 1871, pp. 97-119.

MÜLLER, Max. Quattro letture d'introduzione alla Scienza delle Religioni. Tradotte dall' inglese per Gherardo Nerucci. Firenze: G. C. Sansoni, 1874a.

NASCENTES, Antenor. Dicionário etimológico da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Livrarias Acadêmica, Francisco Alves, São José e Livros de Portugal, 1955.

NERUCCI, Gherardo. Avvertimento. In: MÜLLER, Max. Quattro letture d'introduzione alla Scienza delle Religioni. Tradotte dall' inglese per Gherardo Nerucci. Firenze: G. C. Sansoni, 1874a, pp. v-vii.

SHARPE, Eric J. Comparative religion: A history. 2.ed. London: Duckworth, 1986.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. Fundamentos da crítica textual. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

SPINA, Segismundo. Introdução à edótica. São Paulo: Cultrix, 1977.

TEIXEIRA, Faustino. O processo de gênese da(s) ciência(s) da religião na UFJF. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, v. 15, n. 2, 2011, pp. 537-550.

TIELE, C. P. Elements of the Science of Religion. Part 1. Morphological. Edinburgh; London: William Blackwood and Sons, 1897.

TIELE, C. P. Elements of the Science of Religion. Part 2. Ontological. Edinburgh; London: William Blackwood and Sons, 1899.

TIELE, C. P. Outlines of the history of religion to the spread of the universal religions. Translated from the Dutch by J. Estlin Carpenter. Boston: James R. Osgood, 1877.

TROMPF, G. W. Friedrich Max Mueller as a theorist of Comparative Religion. Bombay: Shakuntala, 1978.

USARSKI, Frank. Constituintes da Ciência da Religião: cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

VAN DEN BOSCH, Lourens Peter. Friedrich Max Müller: a life devoted to the humanities. Leiden: Brill, 2002.

VINCENT DE LERINS. Oeuvres de st. Vincent de Lerins et de st. Euchère de Lyon: avec le texte en regard, notes et préfaces. Traduction nouvelle par J.-F. Grégoire, François-Zénon Collombet. Lyon: M.-P. Rusand, 1834.

WAARDENBURG, Jacques. Classical approaches to the study of religion: aims, methods and theories of research. Introduction and anthology. The Hauge, Paris: Mouton, 1973.

WIEBE, Donald. Religion and truth: towards an alternative paradigm study of religion. The Hague: Mouton, 1981.

WOODMANSEE, Martha. The 'romantic' author. In: ALEXANDER, Isabella; GÓMEZ-AROSTEGUI, H. Tomás. Research Handbook on the History of Copyright Law. Massachusetts: Edward Elgar, 2016, pp. 61-71.

Recebido: 23/10/2020

Aprovado: 30/11/2020

Editor: Suzana Coutinho